



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO MARAJÓ – BREVES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS – FECH
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DOCENTE – PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIA RAIMUNDA FERREIRA SOUTO

AVALIAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM:
O 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental em foco

BREVES/PA
2018

MARIA RAIMUNDA FERREIRA SOUTO

AVALIAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM:

O 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental em foco

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de pedagogia - Campus Universitário do Marajó – Breves, como pré-requisito exigido para obtenção do título de Licenciatura plena em pedagogia.

Orientadora: Dra. Cleide Carvalho de Matos.

BREVES/PA
2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S726a Souto, Maria Raimunda Ferreira.
Avaliação como instrumento de aprendizagem : 1º ano do ciclo do ensino fundamental / Maria Raimunda Ferreira Souto. — 2018.
48 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Cleide Carvalho de Matos
Trabalho de Conclusão (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Breves, Faculdade de Educação, Breves, 2018.

1. Avaliação. 2. Práticas pedagógicas. 3. Aprendizagem. I.
Título.

CDD 372

MARIA RAIMUNDA FERREIRA SOUTO

AVALIAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM:

O 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental em foco

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado à Faculdade de pedagogia - Campus
Universitário do Marajó – Breves, como pré-
requisito exigido para obtenção do título de
Licenciatura plena em pedagogia.
Sob a orientação da Professora Dra. Cleide
Carvalho de Matos.

Data de aprovação: 26/09/2018

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Profª Drª Cleide Carvalho de Matos – Orientadora
Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Manuelle Espindola dos Reis – avaliadora
Universidade Federal do Pará

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que com toda certeza, esteve ao meu lado me abençoando e permitindo que realizasse o grande sonho de concluir a graduação.

A toda minha família que sempre me apoiou nesta caminhada, a vocês grande gratidão.

A minha amada filha pela ousadia e coragem que me fortaleceu durante este percurso percorrido.

À minha orientadora: Prof^a. Dr^a Cleide Carvalho, pela disponibilidade manifestada para orientar este trabalho, pela orientação empenhada e rigorosa, pela exigência, pela incansável orientação científica, pela revisão crítica do texto, pelos esclarecimentos, opiniões e sugestões, pela cedência e indicação de alguma bibliografia relevante para a temática em análise, pelos oportunos conselhos, pela acessibilidade, cordialidade e simpatia demonstradas.

À turma do Curso de Pedagogia com a qual pude compartilhar momentos de trocas de experiência e de saberes durante esta trajetória.

Defino a avaliação da aprendizagem como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo.

Luckesi, 2002.

RESUMO

A finalidade geral desta pesquisa foi analisar a prática dos professores enquanto avaliadores no processo de ensino e aprendizagem dos educandos no 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental da escola Lindalva Pinho. Tomamos como foco de análise os professores e os métodos avaliativos instituídos na prática pedagógica. Indagamos como os professores realizam a avaliação do processo de ensino e aprendizagem dos educandos no 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental da escola Lindalva Pinho? O referencial teórico ancorasse em Luckesi (2006, 2000), Hoffmann (2002, 2005, 1995), entre outros que abordam a avaliação da aprendizagem. A coleta de dados foi realizada por meio do questionário. Concluímos que as análises reflexivas dos docentes são feitas de maneira espontânea através de observações e da realização de diagnósticos sobre os conhecimentos prévios dos alunos, a avaliação é concebida como um processo contínuo e visa à aprendizagem dos discentes.

Palavras-chave: Avaliação. Prática Pedagógica. Aprendizagem.

ABSTRACT

The general purpose of this research was to analyze the practice of teachers as evaluators in the process of teaching and learning of students in the first year of elementary school Lindalva Pinho. We take as focus of analysis the teachers and the evaluation methods instituted in pedagogical practice. We ask how teachers evaluate the teaching and learning process of students in the first year of elementary school Lindalva Pinho? The theoretical reference anchored in Luckesi (2006, 2000), Hoffmann (2002, 2005, 1995), among others that approach the evaluation of learning. Data collection was performed through the questionnaire. We conclude that reflexive analyzes of teachers are carried out spontaneously through observations and the accomplishment of diagnoses about students 'previous knowledge, the evaluation is conceived as a continuous process and aims at students' learning.

Keywords: Evaluation. Pedagogical Practice. Learning.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	BREVE HISTÓRICO DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM	15
2.1	Tipos de avaliação da aprendizagem	16
2.1.1	Diagnóstica	16
2.1.2	Formativa	18
2.1.3	Somativa	18
2.2	O papel da avaliação no processo de ensino aprendizagem	19
2.3	O que se propõe como a avaliação no 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental	20
2.4	A lógica dos ciclos	22
2.5	O que se propõe como avaliação para no 1º ciclo	24
2.6	O que se propõe como avaliação do 1º ciclo ensino fundamental?	26
3	AVALIAÇÕES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	27
3.1	<i>Lócus</i> da pesquisa	28
3.2	Apresentando os dados	30
3.3	O orientador pedagógico como sujeito da pesquisa	31
3.4	Avaliação da aprendizagem, análise e reflexão na perspectiva dos professores sujeitos da pesquisa	36
4	CONCLUSÃO	45
	REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

A avaliação da aprendizagem é uma das atividades mais importantes inerentes à prática pedagógica, é determinante, no sentido de nortear os trabalhos pedagógicos, pois, se planejada e executada, poderá possibilitar ao professor uma visão real da situação de aprendizagem do aluno e ainda lhe permite perceber se trabalho pedagógico tem ou não contribuído no alcance dos objetivos propostos.

O interesse pelo tema “avaliação no 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental como instrumento de aprendizagem” surgiu por meio das reflexões e aprendizagens feitas durante as aulas no curso de Pedagogia. Esse tema me chamou a atenção, pois é comum à maioria dos professores encontrarem dificuldades para realizar essa tarefa.

Durante muito tempo a avaliação foi caracterizada como um processo de seleção, o que presumia a inclusão de alguns e a exclusão de outros. No entanto, atualmente, a avaliação passou a ser compreendida como um momento de aprendizagem que permita repensar e mudar a ação, um instrumento de comunicação que facilite a construção do conhecimento em sala de aula.

A avaliação da aprendizagem é um tema bastante complexo e de extrema importância, tanto para o trabalho do professor quanto para o aluno, sendo que “[...] avaliar é dinamizar oportunidades de ação-reflexão, num acompanhamento permanente do professor, que incitará o aluno a novas questões [...]”. (HOFFMANN, 1995, p. 20).

Sendo assim, me sentir motivada a conhecer mais sobre essa prática, para ampliar meus conhecimentos e melhorar a minha atuação como docente.

Segundo Vasconcellos (2009, p. 29), “O ato de avaliar na vida cotidiana dá-se permanentemente pela unidade imediata de pensamento e ação, a partir de juízos, opiniões assumidas como corretas e que ajudam nas tomadas de decisões”.

Ao fazer juízo visando a uma tomada de decisão, o homem coloca em funcionamento os seus sentidos, sua capacidade intelectual, suas habilidades, sentimentos, paixões, ideais e ideologias. Nessas relações estão implícitos não só aspectos pessoais dos indivíduos, mas também aqueles adquiridos em suas relações sociais.

Essas avaliações diferem dos processos avaliativos que acontecem nas práticas pedagógicas, pois se constituem em análises assistemáticas. Já as

avaliações vivenciadas no cotidiano escolar têm um caráter deliberado, sistematizado, apoiado em pressupostos, variando em complexidade e servindo a múltiplos propósitos (VASCONCELLOS, 2009).

Segundo Sant'Anna (1995, p. 7), "A avaliação escolar é o termômetro que permite confirmar o estado em que se encontram os elementos envolvidos no contexto. Ela tem um papel altamente significativo na educação, tanto que nos ariscamos a dizer que a avaliação é a alma do processo educacional".

De acordo com Hoffmann (1995, p. 17), a avaliação é

[...] uma ação ampla que abrange o cotidiano do fazer pedagógico e cuja energia faz pulsar o planejamento, a proposta pedagógica e a relação entre todos os elementos da ação educativa. Basta pensar que avaliar é agir com base na compreensão do outro, para se entender que ela nutre de forma vigorosa todo o trabalho educativo.

Assim, sem uma reflexão dos valores éticos sobre a avaliação, é possível "perder os rumos do caminho, a energia, o vigor dos passos em termos da melhoria do processo" (HOFFMANN, 1995, p. 17).

Na visão de Sant'Anna (1998) a avaliação não é instrumento para medir o rendimento do aluno, mas o conjunto de ensino-aprendizagem.

Sob a ótica de Sant'Anna (1998, p. 29/30) avaliação é:

Um processo pelo qual se procura identificar, aferir, investigar e analisar as modificações do comportamento e rendimento do aluno, do educador, do sistema, confirmando se a construção do conhecimento se processou, seja este teórico (mental) ou prático.

Partindo desse pressuposto, avaliação não consiste em só avaliar o aluno, mas o contexto escolar na sua totalidade, permitindo fazer um diagnóstico para sanar as dificuldades do processo de aprendizagem, no sentido teórico e prático.

Na leitura de Libâneo (1994) avaliação é vista como uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias.

A avaliação é uma tarefa complexa que não se resume a realização de provas e atribuição de notas. A mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa.

A avaliação, assim, "cumpre funções pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de controle em relação às quais se recorrem a instrumentos de verificação do

rendimento escolar” (LIBÂNEO, 1994, p. 195).

Avaliação é um instrumento permanente do trabalho docente, tendo como propósito observar se o aluno aprendeu ou não, podendo assim refletir sobre o nível de qualidade do trabalho escolar, tanto do aluno quanto do professor, gerando mudanças significativas.

Diante dessa colocação, é significativa a percepção de uma avaliação pautada numa perspectiva transformadora, tendo como pano de fundo resgatar seu papel no contexto escolar. Deste modo, nesta pesquisa problematizamos: Como os professores realizam a avaliação do processo de ensino e aprendizagem dos educandos no 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental da escola Lindalva Pinho? E como questões norteadoras: Qual o papel da avaliação no 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental? Quais os instrumentos avaliativos utilizados no 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental da escola Lindalva Pinho? Qual a compreensão que os professores e a equipe pedagógica têm a respeito da avaliação da aprendizagem?

O objetivo geral da pesquisa consistiu em analisar a prática dos professores enquanto avaliadores no processo de ensino e aprendizagem dos educandos no 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental da escola Lindalva Pinho. E como objetivos específicos: Analisar o papel da avaliação no 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental; Identificar os instrumentos avaliativos utilizados no 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental da escola Lindalva Pinho; Compreender o que os professores e a equipe pedagógica pensam a respeito da avaliação da aprendizagem.

A pesquisa ancorara-se numa abordagem qualitativa a qual possibilita um aprofundamento sobre o tema proposto. O estudo de natureza qualitativa para Chizzotti (1991, p.79) parte do fundamento de que “[...] há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”.

A pesquisa bibliográfica constituiu etapa importante da investigação, pois, consiste em uma revisão da literatura a partir de materiais já publicados, constituído principalmente de livros e artigos científicos disponibilizados na internet para levantamento da situação em questão acerca do tema: “avaliação no 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental como instrumento de aprendizagem”.

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro

mais direto. Entretanto cabe ao pesquisador fazer uma observação do objeto de estudo, em seguida realiza a coleta de dados, referente ao objeto pesquisado e por último realiza a análise e a interpretação de dados com base na fundamentação teórica realizada. Com intuito de sempre compreender e explicar o objeto de estudo.

Segundo Moroz (2006, p. 86).

É importante ressaltar que, qualquer que seja o tipo de pesquisa, e ainda que com diferentes referenciais teóricos, a tarefa de trabalhar com o material coletado de forma torná-lo inteligível é imprescindível. As diferenças se constituem a ênfase dada a alguns passos.

Nessa pesquisa utilizamos como instrumento de coleta de dados o questionário e a pesquisa documental. O questionário cumpre pelo menos duas funções: descrever as características e medir determinadas variáveis de um grupo social. Sendo que a informação obtida por meio do questionário permite observar as características de um indivíduo ou grupo (GIL, 2008).

Desse modo os questionários não são restritos a uma quantidade determinada de perguntas, nem a um tópico específico. É responsabilidade do pesquisador determinar o tamanho, a natureza e o conteúdo do questionário, de acordo com o problema pesquisado e respeitar o entrevistado como ser humano que pode possuir interesses e necessidades divergentes das do pesquisador (GIL, 2008).

Em geral, recomenda-se que o questionário, para ser aplicado, não ultrapasse uma hora de duração e que inclua diferentes aspectos de um problema, ainda que sejam analisados em determinado momento (GIL, 2008).

Foi aplicado questionário de perguntas abertas, onde o entrevistado responde perguntas ou afirmações por meio de frases ou orações. Sendo que o pesquisador não está interessado em antecipar as respostas, deseja uma maior elaboração das respostas dos entrevistados (GIL, 2008).

As vantagens das perguntas abertas é a possibilidade de o entrevistado responder com mais liberdade, não estando restrito a marcar uma ou outra alternativa. No entanto, uma desvantagem importante a esse tipo de questionário é a dificuldade de classificação e codificação, ou seja, diversas pessoas podem dar respostas aparentemente semelhantes, mas o significado pode ser totalmente diferente (GIL, 2008).

Em suma, como todo instrumento de pesquisa o questionário apresenta as vantagens e limitações. Em relação as vantagens podemos citar que ele permite obter informações de um grande número de pessoas simultaneamente ou em um tempo relativamente curto, como também permite abranger uma área geográfica ampla, sem ter necessidade de um treinamento demorado do pessoal que aplica o questionário (GIL, 2008).

Nas limitações relacionadas ao questionário podemos elencar que muitas das vezes não se obtém 100% de respostas aos questionários podendo produzir vieses importantes na amostra, que afetam a representatividade dos resultados, assim como problema de validade, pois nem sempre é possível ter certeza de que a informação proporcionada pelos entrevistados corresponde à realidade (GIL, 2008).

Os sujeitos foram seis professores do primeiro ano e dois coordenadores pedagógico.

A pesquisa documental é um procedimento metodológico decisivo em ciências humanas e sociais porque a maior parte das fontes escrita, ou não, são quase sempre a base do trabalho de investigação. Dependendo do objeto de estudo e dos objetivos da pesquisa, pode se caracterizar como principal caminho de concretização da investigação ou se construir como instrumento metodológico complementar (SILVA et.al. 2009, p.6).

A pesquisa documental tem como principal característica o fato de que a fonte dos dados, o campo onde se progredira a coleta dos dados, é um documento (histórico, institucional, associativo, oficial etc.). Isso significa dizer que a busca de informações (dados) sobre o fenômeno investigados é realizado nos documentos, que exigem, para a produção de conhecimentos, uma análise (TOZONI-REIS, 2009).

A pesquisa documental em educação é, portanto, uma análise que o pesquisador faz de documentos que tenham certo significado para a organização da educação ou do ensino. A pesquisa documental, bem como outros tipos de pesquisa, propõe-se a produzir novos conhecimentos, criar novas formas de compreender os fenômenos e dar a conhecer a forma como este tem sido desenvolvido.

A pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica. O elemento diferenciador esta na natureza das fontes: Pesquisa Bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes

secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a matérias que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias. Essa é a principal diferença entre a pesquisa documental e pesquisa bibliográfica Silva et. al (2009, p.6).

Os documentos analisados foram: LEI 9.394/96; Histórico da Escola; Projeto Político Pedagógico; Proposta Curricular.

2 BREVE HISTÓRICO DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Desde os tempos primitivos, em algumas tribos, os jovens só passavam a serem considerados adultos após terem sido aprovados em uma prova referente aos seus usos e costumes (SOEIRO; AVELINE, 1982). Há milênios atrás, chineses e gregos já criavam critérios para selecionar indivíduos para assumir determinados trabalhos (DIAS, 2002).

Na China, em 360 antes de Cristo devido ao sistema de exames, todos os cidadãos tinham a possibilidade de alcançar cargos de prestígio e poder. Na Grécia, Sócrates, sugeria a autoavaliação - O Conhece-te a ti mesmo - como requisito para chegar a verdade (SOEIRO; AVELINE, 1982).

A avaliação começa a assumir uma forma mais estruturada apenas depois do século XVIII, onde começaram a ser formadas as primeiras escolas modernas, os livros passaram a ser acessíveis e criaram-se as bibliotecas. Nesta época devido à utilização de exames como forma de avaliação, esta ficou associada à ideia de exames, notação e controle, constituindo dessa forma a área de estudos chamada docimologia (SOEIRO; AVELINE, 1982 *apud* ROSSATO, 2004).

O termo "avaliação educacional" foi proposto primeiramente por Tyler em 1934 na mesma época em que surgiu a educação por objetivos, que tem como princípio formular objetivos e verificar se estes foram cumpridos.

Os primeiros sinais de um sistema de avaliação da aprendizagem escolar datam de 1549 com o ensino jesuítico, que permaneceu no Brasil até 1759, ou seja, por 210 anos. Tal ensino era caracterizado por sua postura tradicional com o foco no professor e levava o aluno a uma prática que o distanciava da convivência com a sociedade, no que se refere às práticas da vida cotidiana.

Sobre essa questão Libâneo (1994, p. 64) afirma:

Os objetivos, explícitos ou implícitos, referem-se à formação de um aluno ideal desvinculado com a sua realidade concreta. O professor tende a encaixar o aluno num modelo idealizado de homem que nada tem a ver com a vida presente e futura. A matéria de ensino é tratada separadamente, isto é, desvinculada dos interesses dos alunos e dos problemas reais da sociedade e da vida.

Os jesuítas se configuravam pelo ensino focado na memorização, ou seja, os alunos eram obrigados a decorar as lições, tal como estava nos livros. Sobre isso Aranha (1989) destaca que: "O ensino jesuítico possuía uma metodologia própria

baseada em exercícios de fixação por meio de repetição, com objetivo de serem memorizados. Os melhores alunos auxiliavam os professores a tomar lições de cor dos outros, recolhendo exercícios e tomando nota dos erros dos outros e faltas diversas que eram chamadas de decuriões.

As classes inferiores repetiam lições da semana todo sábado. “Daí a expressão “sabatina” utilizada por muito tempo para indicar formas de avaliação.” (ARANHA, 1989, p. 51).

O período republicano trouxe a avaliação da aprendizagem de forma mais sistemática, desse modo os educandos passaram a ser avaliados constantemente com a realização de provas (orais escritas e práticas). Assim, “[...] a avaliação se restringia a aprovação e reprovação do aluno. Porém, em 1904 a avaliação passou a ser sistematizada a partir de notas que iam de 0 a 5” (HOFFMANN, 1991, p. 48).

A primeira república, que teve início em 1920, trouxe algumas discussões sobre o formato do ensino tradicional limitada à elite e pautada na aprendizagem de forma mecânica. A partir de 1932 com o Manifesto dos Pioneiros, que tinha entre seus idealizadores Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Paschoal Lemme a luta por uma escola democrática que contemplasse toda população ganhou mais força (SANDER, 2007, p.28).

A Escola Nova apresentou a proposta onde os professores tivessem como parâmetro os interesses dos alunos, tornando-se assim facilitadores ao invés de apenas transmissores de conteúdos. Desse modo, “o sistema avaliativo era feito de forma subjetiva, permitindo que o aluno tivesse autonomia sobre sua formação” (SANDER, 2007, p. 28).

2.1 Tipos de avaliação da aprendizagem

De acordo com os estudos de Bloom (1993) a avaliação do processo ensino-aprendizagem, apresenta três tipos: diagnóstica (analítica), formativa (controladora) e somativa (classificatória).

2.1.1 Diagnóstica:

Auxilia o professor a detectar ou fazer uma verificação dos conteúdos e conhecimento prévios do aluno. E, a partir dos dados desse diagnóstico realizar o

planejamento pedagógico que supram as necessidades e atinja os objetivos propostos. Nesse sentido, a avaliação de aprendizagem é utilizada como suporte para o planejamento de ensino.

Como mostra Luckesi (2000, p. 08), “o ato de avaliar implica dois processos articulados e indissociáveis: diagnosticar e decidir. Não é possível uma decisão sem um diagnóstico, e um diagnóstico, sem uma decisão, é um processo abortado”. Primeiramente vem o processo de diagnosticar, constituído de uma constatação e de uma qualificação do objeto da avaliação.

Alunos e professores, a partir da avaliação diagnóstica de forma integrada, reajustarão seus planos de ação. Esta avaliação deverá ocorrer no início de cada ciclo de estudos, pois a variável tempo pode favorecer ou prejudicar as trajetórias subsequentes, caso não se faça uma reflexão constante, crítica e participativa.

Não há como fugir da necessidade de avaliação do conhecimentos, muito embora se possa, com efeito, torná-la eficaz naquilo a que se propõe: a melhora de todo o processo educativo.

Luckesi (2000) ressalta que a prática escolar usualmente denominada avaliação da aprendizagem pouco tem a ver com avaliação. Ela se constitui muito de mais de provas/exames do que de avaliação.

Neste sentido, de acordo com Hoffmann (1995, p. 17), a avaliação é uma ação ampla que abrange o cotidiano do fazer pedagógico e cuja energia faz pulsar o planejamento, a proposta pedagógica e a relação entre todos os elementos da ação educativa. Basta pensar que avaliar é agir com base na compreensão do outro, para se entender que ela nutre de forma vigorosa todo o trabalho educativo.

Em uma proposta de avaliação, a ênfase não deve ser somente nas respostas certas ou erradas, mas, sim, como um aluno chega a tais respostas, tanto as certas quanto as erradas.

De acordo com Hoffmann (1995, p. 78):

Torna-se sumamente importante o acompanhamento pelo professor das tarefas realizadas pelo educando em todos os graus de ensino, diante disso: Só que esse “acompanhar” abandona o significado atual de retificar, reescrever, sublinhar, apontar erros e acertos. E se transforma numa atividade de pesquisa e reflexão sobre as soluções apresentadas pelo aluno, anotando respostas diferentes, questões não respondidas, registrando-se relações entre soluções apresentadas por ele.

Conforme Hoffmann (1995, p. 67), o conhecimento produzido pelo educando, num dado momento de sua experiência de vida, é um conhecimento em

processo de superação.

Desse modo, Luckesi (2000, p. 08), ressalta que a avaliação auxilia uma vida mais plena, “[...] desde que constata, qualifica e orienta possibilidades novas e, certamente mais adequadas”.

2.1.2 Formativa:

Tem como objetivo verificar se tudo aquilo que foi proposto pelo professor no seu planejamento em relação aos conteúdos estão sendo atingidos durante todo o processo de ensino aprendizagem do aluno passo a passo.

Formativa tem como função informar o aluno e o professor sobre os resultados que estão sendo alcançados durante o desenvolvimento das atividades; “localizar, apontar, discriminar deficiências, insuficiências, no desenvolvimento do ensino-aprendizagem para eliminá-las; proporcionar feedback de ação (leitura, explicações, exercícios)” (SANT’ANNA, 2001, p. 34).

Não se pode conceber a avaliação formativa sem a devida clareza sobre a situação do aluno em seu processo de aprendizagem, em termo de conteúdos e habilidades. Além de ser baseada em critérios, tem o foco e a referência o aluno.

A avaliação formativa tem um conceito bastante amplo nos estudos brasileiros, Villas Boas (2004), por exemplo, afirma que a avaliação mediadora, emancipatória, dialógica, integradora, democrática, participativa, cidadã é parte do que se entende por avaliação formativa, pois todas trazem o foco não apenas no aluno, mas também, na escola, além de assegurar que todas as informações sejam usadas em prol da aprendizagem.

A avaliação formativa trabalha em parceria com a avaliação diagnóstica dialética, conotação defendida por Luckesi (2000) que concebe o ato de avaliar como um ato amoroso e afirma que as experiências dos educandos devem ser valorizadas pelos docentes, para que através delas, eles sejam capazes de assimilarem novos conhecimentos.

2.1.3 Somativa:

Tem o objetivo de atribuir notas e conceitos para o aluno ser promovido ou não de uma classe para outra, ou de um curso para outro, normalmente realizada

durante o bimestre ou semestre.

Conhecida como avaliação final, porque acontece no fim de um processo de educação e aprendizagem, tem uma função classificatória, em razão de que vão convir a uma classificação do estudante conforme os níveis de aplicação no fim de uma unidade, de um módulo, de uma disciplina, de um semestre, de um ano, de um curso.

A avaliação somativa geralmente se baseia nos conteúdos e procedimentos de medida, como provas objetivas, dissertativas, teste objetivo, entre outros. Colabora para a avaliação somativa, tanto a avaliação diagnóstica quanto a avaliação formativa, quando se considera que a avaliação da aprendizagem é um ciclo de intervenções pedagógicas de um mesmo processo.

Segundo Haydt (2000), a avaliação somativa tem como função classificar os alunos ao final da unidade, semestre ou ano letivo, segundo níveis de aproveitamento apresentados. O objetivo da avaliação somativa é classificar o aluno para determinar se ele será aprovado ou reprovado e está vinculada à noção de medir. Medir significa determinar a quantidade, a extensão ou o grau de alguma coisa, tendo por base um sistema de unidades convencionais.

O uso da avaliação da aprendizagem é uma questão bastante séria, uma vez que o professor é o responsável pelo planejamento de testes ou atividades que lhe permitam avaliar o aluno. Portanto, a reflexão permitirá ao professor, perceber que os instrumentos de avaliação precisam ser elaborados de outra forma, com elementos que os auxiliem a delinear suas estratégias pedagógicas para a melhoria da aprendizagem.

2.2 O papel da avaliação no processo de ensino aprendizagem

A construção de propostas de avaliação, até mesmo pelos condicionantes de ordem política, educacional, financeira, material e humana, não é uma tarefa simples. No Brasil, além da pouca tradição de avaliação de programas educacionais, quando esta ocorre, muitas vezes, reveste-se de um caráter formal, não se observando a valorização de seus resultados para revisão/reformulação das propostas e ações que constituem objeto da avaliação. No âmbito da administração pública, os programas implantados, reformulados ou até mesmo extintos sem a

presença de evidências empíricas que apoiem as decisões, por vezes referenciadas em opiniões e concepções de atores individuais.

A avaliação, é normalmente confundida com exame e utilizada como ferramenta de exclusão para julgar um aluno apto ou inapto a ser aprovado de uma série para outra e tem sido usado, sobremaneira, como elemento para justificar e validar a reprovação.

As práticas de avaliação pautam-se basicamente em três aspectos: no diálogo, na interlocução, na interação. Destaca-se também a participação na dinâmica de avaliação, sendo que estabelece uma responsabilidade com o coletivo, onde a avaliação é responsabilidade de todos, não apenas da professora ou coordenação pedagógica. Desta maneira a avaliação praticada neste caso, torna-se uma ferramenta de elaboração, dialogo e construção de conhecimento.

2.3 O que se propõe como a avaliação no 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental

Implementar o ensino por meio de ciclos elenca inúmeras discussões no campo educacional. Segundo Alavarse (2014) a forma de organização do ensino fundamental em ciclos na educação básica nas escolas públicas, surgiu com objetivo de amenizar um índice elevado de reprovação escolar e assegurar um currículo organizado que atendesse a realidade desses sujeitos que frequentam estas instituições. Entretanto, essa organização ocasionou questionamentos relacionados a qualidade do ensino, pois, os alunos não seriam mais reprovados, porém, iriam progredir sem aprender o necessário para o ano seguinte.

Desse modo a implementação dos ciclos causa inúmeras inquietações por alguns fatores, pois para romper a seriação é necessária uma reorientação curricular e compreensão de todos envolvidos no processo sobre as mudanças que os ciclos trazem para o processo de ensino aprendizagem.

Na educação brasileira o sistema educacional ainda perpassa por um modelo de educação seletiva, conforme afirma Alavarse (2014, 2014, p. 60):

No Brasil além da organização de níveis de ensino, historicamente, com diferenciações e barreiras de acesso, a quase a universalização de matrículas iniciais no Ensino Fundamental não significa ainda a universalização da conclusão e muito menos a igualdade de desempenho, o que pode parecer indicar, em outros traços, a persistência da seletividade social.

O processo educacional no modelo de seriação tem como fenômeno o fracasso escolar, pois o ensino padronizado compromete o desenvolvimento do educando, já que requer inúmeras competências e responsabilidades em relação à sua permanência e seus avanços no processo escolar. Como descrever o autor Alavarse (2014, p. 66):

Em sua origem, a divisão em séries sucessivas tinha como objetivo organizar uma progressão rigorosa das aprendizagens. Nas escolas que tinha instituído essa divisão, especialmente nas escolas mútuas, só os alunos que tinham dominado as aprendizagens previstas para uma série podiam, em princípio, passar para próxima, e assim sucessivamente.

Alavarse (2014) faz referências aos estudos sobre as lutas populares por educação em Campinas no início do século XX no qual apontam que esse método de ensino seletivo impossibilita que os filhos de trabalhadores possam avançar nos estudos na escola primária e assim conseqüentemente é bastante visível que o conhecimento tem um grande valor social, porém para um público limitado.

A organização do curricular seriada nos revela um processo marcado de fragmentações, classificação e homogeneização de um currículo pré-estabelecido, distanciando o ambiente escolar do seu principal objetivo que é o acesso ao conhecimento.

Conforme enfatiza Alavarse (2014, p. 70)

A seleção de conhecimentos acabados e prontos para serem transmitidos articulou-se a dissociação entre o ensino e a aprendizagem. Tal demarcação permitiu inferir que a escola da transmissão, e não da aquisição, pode ser a escola de seus profissionais e não de seus usuários, de seus professores e não de seus alunos, possivelmente instalando relações de antagonismo e hostilidade entre os dois grupos centrais – e mais maltratados – do sistema de ensino.

Nesse sentido, o processo de ensino aprendizagem tem como *lócus* a escola um ambiente que tem como objetivo transmitir conhecimentos, assim sendo, a sala de aula um local de delimitação do professor nesse processo de ensino. E o aluno um mero expectador que só aprende o que lhe é ensinado e após esse procedimento passa por uma prova para avaliar o que ele aprendeu.

Para Alavarse (2014) superar a seriação requer reflexão de tudo que caracteriza sua organização, assim como compreender que esse modelo tradicional tem como seu maior problema o índice elevado de reprovação.

As políticas públicas de implementação dos ciclos têm dois atores que são fundamentais para que essa concepção de educação seja bem-sucedida.

Esses atores estão diretamente ligados ao cotidiano escolar, são eles: os professores e os pais. Contudo, o envolvimento deles no processo tem que ocorrer de forma voluntária e não por meio de um jogo de marketing posto para convencer os mesmos a aceitarem essa implementação (FREITAS, 2003, p. 69).

Ainda, segundo Freitas (2003, p. 72) “[...] além de compreender as políticas públicas para implementação dos ciclos é muito importante entender que concepções de educação estão por trás dessa política”, pois essas políticas direcionam as escolhas das concepções, logo o sucesso dos ciclos depende delas

Ainda de acordo com Freitas (2003, p.72):

A progressão continuada é herdeira da concepção conservadora-liberal e os ciclos de formação estão mais ligados às propostas transformadoras e progressistas. No primeiro caso, a avaliação assume papel de controle e atua para implementar verticalmente uma política pública. No segundo, a avaliação assume papel de crescimento e melhoria da escola a partir de dentro – ainda que sob estímulo da política pública.

Freitas (2003) realiza uma análise entre ciclo e seriação, o ciclo mantém o aluno na escola e na seriação ele é “expulso”. Na escola seriada o aluno não avança se não obtiver notas suficientes. Já no ciclo ele é promovido de um ciclo para outro, porém isso não é garantia de qualidade do ensino.

Freitas (2003, p. 87) ressalta que a luta dos profissionais da educação pela implementação dos ciclos é importante, assim também como a implementação da educação em tempo integral conforme pressupõe a LDB 9.394/1996 para que possamos almejar a instrução associada a formação.

2.4 A lógica dos ciclos

Segundo Freitas (2003) a formação do educando por meio dos ciclos tem como proposta trabalhar de acordo com contexto social do educando. O papel da escola nessa proposta é contribuir com a formação do educando por meio de indagações sobre sua realidade social, bem como analisar os limites dessa vida social com vista à superação.

Não basta eliminar a seriação e rever metodologicamente a estruturação dos tempos e espaços da escola, se o modelo que emergir daí continuar separado da vida, formando fora da atualidade, e continuar a reproduzir as

relações de poder vigentes no modelo seriado. Os ciclos necessariamente devem abrir-se para vida real, e não apenas para vivências que sejam uma imitação do real – ou até mesmo uma brincadeira sobre o real (FREITAS, 2003, p. 61/62).

Os ciclos não podem ser concebidos com uma solução pedagógica com objetivo de superar a seriação, mas como uma proposta de desenvolvimento de novas relações sociais que contrapõe as relações sociais já existentes. Portanto, devem ser vistas como uma instancia política de resistência contra a escola convencional.

Sousa (2000, p. 93), por exemplo, questiona “Que significados vêm sendo atribuídos à avaliação nos contextos escolares?” De fato, a avaliação dos vários integrantes da escola e a avaliação dos vários componentes e das diversas dimensões do trabalho escolar, sempre ocorreram de modo informal. Por exemplo: os professores são avaliados pelos alunos, por seus pares, pelos técnicos e pelos dirigentes da escola. O diretor e outros profissionais são avaliados pelos alunos; a infraestrutura disponível é sempre analisada como fator que facilita ou dificulta o desenvolvimento das atividades; o currículo é objeto de apreciação, particularmente pelo corpo docente; as relações de trabalho e de poder são analisadas quanto ao seu potencial de promoverem ou não um clima favorável no contexto escolar.

No entanto, de acordo com a tradição, a avaliação que se realiza de modo sistemático na escola é a direcionada para o aluno, sem que os resultados dessa avaliação sejam referenciados ao contexto em que são produzidos. Ou seja, o fracasso ou o sucesso escolar dos alunos tendem a ser interpretados em uma dimensão individual, não sendo tratados como expressão do próprio sucesso ou fracasso da escola (SOUSA, 2000).

Sobre as concepções e práticas avaliativas, direcionadas ao julgamento do desenvolvimento escolar do aluno, temos já acumulado um conjunto de estudos e propostas, desenvolvido sob diferentes ênfases. Em linhas gerais, as contribuições presentes na literatura da área podem ser agrupadas nas que trazem considerações e prescritivas sobre como proceder à avaliação, explorando a sua dimensão técnica, e nas áreas direcionadas à análise das concepções e práticas correntes no sistema escolar, evidenciando implicações ideológicas e políticas dessa prática (SOUSA, 2000).

As produções situadas nessa última perspectiva andam na direção de apontar a necessidade de ressignificação da avaliação, que tende a se confundir com procedimentos de testagem, voltados à seleção e à classificação dos alunos, propondo que se busque resgatar o sentido constitutivo da avaliação, ou seja, tomá-la como um processo que deve estar a serviço da orientação da aprendizagem e estímulo aos alunos para o avanço do conhecimento, cumprindo uma função eminentemente formativa (SOUSA, 2000).

Além disso, alguns desses estudos alertam para a necessidade de ampliação da própria abrangência da avaliação escolar, a partir do entendimento de que o desempenho do aluno deve, necessariamente, ser analisado de modo contextualizado.

O ponto de partida para se discutir que perspectiva de avaliação institucional será adotada por uma dada escola é a resposta que se dá às seguintes questões: Qual é o nosso projeto educacional? Quais os princípios que devem orientar a organização do trabalho escolar? Qual é o nosso compromisso com os alunos desta escola, e, para além desses, com a construção de uma escola pública de qualidade? O que entendemos por qualidade? (SOUSA, 2000).

Responder a essas questões resulta na explicitação de valores, intencionalidades, expectativas e compromissos dos participantes da ação educativa. “E a avaliação, como dimensão intrínseca ao processo educacional, tem seu sentido na medida em que contribui para a construção dos resultados esperados” (SOUSA, 2000, p.100)

Portanto, não é possível pensarmos em um modelo único de avaliação que atenda a todas as escolas, pois, para que esse modelo ganhe significado institucional, precisa responder aos projetos educacional e social em curso. No entanto, penso que vale a pena enfrentarmos o desafio de construir um processo de avaliação capaz de contribuir para tornar realidade uma educação democrática.

2.5 O que se propõe como avaliação para no 1º ciclo

Os métodos de avaliação por meio de ciclos demandam uma reorganização curricular, tendo em vista que esse modelo de ensino tem como processo avaliativo promover uma educação para cidadania, onde o educando seja avaliado levando em conta todos os aspectos como um todo.

Para Texeira, Josele (2004, p.154)

Pensar na lógica que rege o ciclo de formação é ter uma concepção de prática exclusiva e que deve se sobrepor e inserir na dualidade existente socialmente em seu contexto mais amplo que conduz à seletividade e à exclusão. Isto conseqüentemente não nos permite falar de um assunto sem correlacionar com o outro, contextualizando e ressignificando-o, de modo que se possa pensar em uma educação libertadora. Questões estas que servem para desencadear uma série de inquietações trazidas pela vivência da organização curricular por ciclos de formação.

Desse modo, a organização curricular por ciclo de formação requer novas concepções acerca do processo educacional, bem como das práticas pedagógicas.

Segundo Teixeira e Nunes (2004) o ciclo de formação é um modelo de ensino que busca compreender o ser humano em sua totalidade, respeitando seu tempo e seu espaço. Desfazendo o pensamento de uma aprendizagem individual e aprisionada apenas há uma perspectiva cognitiva.

Nesse sentido, as autoras afirmam que no ciclo de formação a avaliação é um procedimento formativo que ocorre de forma contínua e processual. No entanto é necessário que todos os profissionais que ocupam esse espaço escolar compreendam esse processo, pois essa mudança não é uma tarefa fácil.

O processo de alfabetização no ciclo é entendido como um processo progressivo, pois, compreende-se que o educando não se alfabetiza em apenas um ano, mas seu aprendizado vai se consolidando durante os anos. Sendo que nesse processo a realidade social do educando é considerada fundamental, pois essa proposta de ensino tem como objetivo reduzir a reprovação.

Em harmonia com esta proposta, a avaliação deve ser contínua e significativa, e o papel do professor deve ser o de prover meios e a elaboração de recuperação paralela, utilizando-se de motivações diferenciadas para aqueles alunos com menor desempenho, permitindo assim que eles consigam ampliar seus conhecimentos (TEIXEIRA; NUNES, 2004, p.159).

As autoras apontam que a avaliação contínua permite o acompanhamento das aprendizagens do educando, identificar as dificuldades e, do mesmo modo, possibilita a elaboração de estratégias que propiciem a superação dessas dificuldades.

2.6 O que se propõe como avaliação do 1º ciclo ensino fundamental?

O processo avaliativo é um tema que a cada dia vem sendo mais discutido no ambiente escolar. No entanto, são as políticas públicas relacionadas às questões curriculares que orientam como se dará esse processo.

Segundo Esteban (2008) a avaliação no ambiente escolar pela proposta de ciclos é um tema muito complexo é polêmico. Sendo complexo pelo fato da escola não poder debater o tema avaliação sem considerar o Projeto Político Pedagógico da escola. Polêmico por que essa proposta de ensino tem como principal objetivo acabar com a reprovação, rompendo com a avaliação classificatória e seletiva.

Conforme Esteban (2008, p.71) afirma:

[...] eliminar a possibilidade de reprovação escolar é um caminho necessário, mas não suficiente. É preciso que haja, juntamente com a eliminação dos mecanismos que inviabilizam que a aprendizagem ocorra para todos, um sério investimento na criação de mecanismos institucionais de inclusão capazes de romper com a padronização do ensino e de garantir o apoio necessário para que todos aprendam.

Eliminar a reprodução enquanto princípio de inclusão, não significa acabar com a avaliação no processo educativo, mas sim reorganizar as práticas pedagógicas para que todos os educandos possam aprender. A função da avaliação na proposta de ciclos deve estar comprometida com uma aprendizagem coletiva, onde todos tenham as mesmas oportunidades.

De acordo com Esteban (2008) se faz necessário vivenciar a avaliação com um processo de indagação que tenha como objetivo compreender como ocorre a aprendizagem em diferentes aspectos. Para Esteban (2008, p.79):

[...] a avaliação como prática de interrogar e interrogar-se, possa transforma-se em ações que superem a perspectiva do pensamento linear entre causa e consequência, bem como a padronização, levando em consideração três aspectos fundamentais: “o papel das pequenas mudanças, as soluções individualizadas e a possibilidade da previsão exata”.

O ciclo de formação entende o aprendizado como um processo progressivo que deve compreender e aceitar o tempo que cada um leva para se desenvolver e assimilar novos conhecimentos. Considera o sujeito em seus aspectos global: físico, afetivo e cultural e dá a ele o direito de concluir todos os objetivos propostos para o ciclo em um tempo previsto de seiscentos dias letivos

3 AVALIAÇÕES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Para Santos (2005, p. 23), a avaliação é algo bem mais complexo do que apenas atribuir notas sobre um teste ou prova que se faz, ela deve estar inserida ao processo de aprendizagem do aluno, para saber os tipos de avaliações que devem ser praticadas podem ser:

Luckesi (2006) ressalta que a educação tem sido atravessada por uma pedagogia do exame em detrimento de uma pedagogia de ensino-aprendizagem. Pais, sistema de ensino, profissionais da educação, professores e alunos, todos têm suas atenções centradas na promoção, ou não, do estudante de uma série de escolaridade para outra.

Luckesi (2000, p. 08), afirma que, “o ato de avaliar não é um ato impositivo, mas sim um ato dialógico, amoroso e construtivo”. A avaliação não pode ser instrumento de castigo para os alunos ou para preencher a aula, caso o professor não tenha preparado, deve fazer parte da rotina de sala de aula, deve ser planejada pelos professores como um dos aspectos integrantes do processo ensino-aprendizagem.

A avaliação “[...] não seria tão somente um instrumento para a aprovação ou reprovação dos alunos, mas sim um instrumento de diagnóstico de sua situação, tendo em vista a definição de encaminhamentos adequados para a sua aprendizagem” (LUCKESI, 2002, p. 81). Se um aluno está defasado não há que, pura e simplesmente, reprová-lo e mantê-lo nesta solução

Nesse sentido, é preciso destacar que avaliar a aprendizagem escolar é um processo que tem como objetivo conduzir o aluno ao entendimento pleno dos conteúdos trabalhados, enquanto que exames externos de larga escala têm o objetivo de verificar se determinado grupo de estudantes atingiu a média pré-determinada por seus organizadores, de acordo com Luckesi (2002, p. 93):

O ato de avaliar implica coleta, análise e síntese dos dados que configuram o objeto da avaliação, acrescido de uma atribuição de valor ou qualidade, que se processa a partir da configuração do objeto avaliado com um determinado padrão de qualidade previamente estabelecido para aquele tipo de objeto. [...] A avaliação, diferentemente da verificação, envolve um ato que ultrapassa a obtenção da configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer ante ou com ele. A verificação é uma ação que “congela” o objeto; a

avaliação, por sua vez, direciona o objeto numa trilha dinâmica de ação.

Na visão de Luckesi (2002, p. 07), “a avaliação da aprendizagem não é e não pode continuar sendo a tirana da prática educativa, que ameaça e submete a todos avaliar, não se restringe somente a fazer provas e aplicar trabalhos”.

Desde o momento que entra na sala de aula, o professor já faz uma avaliação, ao conversar com o aluno, o professor avalia seus gestos, sua maneira de se comportar e pensar.

3.1 *Lócus* da pesquisa

Neste item descreverei o *lócus* da pesquisa destacando o quadro funcional, modalidades de ensino, perfil, clientela atendida, formação do corpo técnico administrativo e docente.

Figura 1 - Frente da escola Lindalva Pinho



Fonte: Arquivo particular da pesquisadora

A Escola Municipal de Ensino Fundamental “Professora Lindalva Pinho”, está localizada à Avenida Floriano Peixoto, S/N. É mantida pela Prefeitura Municipal de Curralinho e administrada pela Secretaria Municipal da Educação.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Preparatória Agroambiental “Professora Lindalva Pinho”, assim denominada IM MEMORIAM, a personalidade cuja existência foi comprovadamente dedicada a formação educacional no município de Curralinho.

A referida escola foi criada através da Lei 385A/16/05/1995/GABPREF, construída na Avenida Floriano Peixoto, S/N, esquina com a Travessa Vila Vitória. Foi construída pelo Prefeito Álvaro Aires da Costa e Vice-Prefeito Emanuel da Costa Cardoso. Inaugurada em 09 de abril de 1995.

A escola oferta Ensino Fundamental de 9 Anos – Lei 11.274/2006 e Educação de Jovens e Adultos. Atende alunos de quase todo bairro do Cafezal e do meio rural, como das Ilhas Caí, Marituba e outras localidades, seu Corpo Docente provém de Famílias de baixo nível socioeconômico, com carência de opções de lazer e saneamento básico. As mesmas usam o transporte escolar fluvial para chegarem até a escola.

A escola desenvolve a avaliação escolar de acordo com o Plano de Ensino 2018-SEMED a avaliação é diagnóstica, formativa, somativa, processual, e utiliza a avaliação por competências e habilidades – Modelo da Prova Brasil.

A escola possui aproximadamente 1.000 alunos distribuídos em anos iniciais e anos finais do ensino fundamental e educação de jovens e adultos. Funcionando nos horários: manhã, intermediário, tarde e noite.

A escola conta em seu quadro funcional: 01 diretor, 02 vice-diretor, 48 professores, 02 orientadoras pedagógica, 01 secretário escolar, 02 auxiliar de secretaria, 12 auxiliar de serviços gerais, 03 porteiros, 04 vigias e 48 professores efetivos.

É considerada de porte grande, possui 16 salas de aula, 01 secretaria, 01 sala de direção, 01 sala de professor, 01 cozinha, 05 banheiros, 01 quadra de esporte e uma biblioteca. A escola possui em seus recursos materiais carteiras e mobiliários das dependências administrativas como armários e mesas em quantidades suficientes e em bom estado de conservação. Tem equipamentos audiovisuais aparelho de DVD e televisão, 01 computador e uma impressora; mesmo assim ainda há deficiências em recursos de informática como computadores e data show, importantes para a dinâmica em salas de aula.

Possui distribuição de merenda escolar para seus alunos, em quantidade suficiente e de boa qualidade como sopas, mingaus, sucos e biscoitos, a qual é

servida no tempo do recreio. Haja vista que independente de haver ou não merenda na instituição o tempo do recreio é de suma importância para os alunos, pois este proporciona a interação, o desenvolvimento físico mental e cognitivo das crianças que necessitam deste tempo. A escola conta com os recursos oriundos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB).

A escola possui projeto pedagógico, o qual está em execução há um ano. Nesse projeto o currículo está organizado em temas comum a todas as turmas. O tema é administrado em cada sala de aula durante a semana, caso o tema seja extenso, trabalha-se em duas semanas. Cada professor utiliza sua própria regência para administrá-lo, no ultimo dia todos se reúnem para desenvolver a culminância.

O planejamento das atividades escolares é realizado semanalmente e todos os funcionários da escola são envolvidos, os projetos que dão certo são executados e os que não dão são extintos.

O trabalho na escola ocorre de forma integrada, todos executam um papel para um bom desempenho das aulas, todos se envolvem pela educação de qualidade: professores, gestor, técnico e pessoal de apoio.

A escola procura promover minicursos, palestras e planejamentos como forma de aperfeiçoamento profissional dos professores.

As metodologias adotadas pelo corpo docente buscam favorecer o aprendizado do aluno, pois propiciam ao aluno sua própria construção do conhecimento.

3.2 Apresentando os dados

Este estudo se desenvolveu mediante seu objetivo de pesquisa, em um estudo bibliográfico e de campo. Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e / ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta ou de uma hipótese que queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (MARCONI ; LAKATOS, 2006).

Quanto à natureza dos dados utilizei como procedimentos a pesquisa qualitativa que de acordo com Gonçalves (2007, p. 69) “preocupa-se com a

compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão as suas práticas, que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica”.

Para a coleta de dados foi utilizado como instrumento o questionário estruturado com questões abertas, com o objetivo de obter maiores informações dos orientadores pedagógicos e docentes. Podendo me proporcionar um maior conhecimento e também uma interação mais confiante.

Segundo Souza (2009, p. 18):

O questionário é um instrumento com questões a serem respondidas por escrito sem intervenção direta do pensador. Também pode ser elaborado com questões fechadas, são apresentadas alternativas para escolher a respostas. Nas questões abertas, os participantes respondem aos questionários propostos. Ainda possibilita o livre arbítrio nas respostas (apud MOROZ; GIANFALDONI 2002).

Nesse sentido o questionário com perguntas abertas permitiu a elaboração das respostas espontâneas de um número maior de participantes. Dessa forma o questionário elaborado cumpriu o objetivo de aproximação e interação entre pesquisadora e pesquisados.

Fez-se importante elencar 02 categorias a partir 02 grupos dos sujeitos que participam deste estudo, sendo que para o grupo das orientadoras pedagógicas criei a categoria 01 que se apresenta em subitens e as respectivas categorias seguem o mesmo procedimento de análise.

3.3 O orientador pedagógico como sujeito da pesquisa

Nesta pesquisa entrevistei 02 orientadoras pedagógicas com a faixa etária de 32 a 37 anos, e todas possuem o nível superior.

Segundo Deak (2004, p. 49), o Coordenador Pedagógico, no contexto da escola pública “[...] é o ator que coordena orientando, articulando e mediando o processo de formação continuada na escola. Tem como função essencial a formação continuada em serviço dos educadores que compõem a escola [...]”. Ou seja, na instituição escolar, o Coordenador/Orientador Pedagógico é um dos profissionais da equipe de gestão responsável por organizar a formação continuada dos profissionais da educação que desempenham suas funções na escola.

A orientação educacional foi oficialmente introduzida no país “[...]em 1942, na Lei Orgânica do Ensino Secundário. Desde sua criação, foi prevista como um serviço educacional a ser desenvolvido nas escolas junto aos docentes e alunos” (PINTO, 2011, p. 85).

Ele trabalha num contexto no qual tem acesso aos diversos sujeitos da escola (alunos, professores, funcionários, pais, etc), o que lhe garante maior visibilidade do processo educacional.

As coordenadoras são formadas em nível superior, uma obteve a formação na Universidade do Vale do Acaraú – UVA e está exercendo a função há 02 anos, a qual denominarei de coordenadora A, a outra é licenciada em pedagogia pela Universidade Federal do Pará e está em seu primeiro ano de orientadora pedagógica no primeiro ciclo, denominada de coordenadora B.

Perguntei as coordenadoras: Para você o que é avaliação da aprendizagem?
As mesmas responderam:

É o processo pelo qual se analisa o trabalho pedagógico desenvolvido por toda a escola, a atuação de todos os que estão nele envolvidos e as aprendizagens de alunos e educadores (Coordenadora A)

A avaliação é a parte integrante do processo ensino/aprendizagem dos docentes e dos educandos no contexto escolar.(Coordenadora B)

Diante das respostas das entrevistadas, pode-se afirmar que as mesmas possuem conhecimento a respeito da avaliação do processo de ensino-aprendizagem no contexto escolar. Compreendem que a avaliação envolve o trabalho da escola como um todo e do professor em particular.

Segundo Luckesi, citado por Libâneo (1991, p. 196) “a avaliação é uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo de ensino e aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre o seu trabalho”.

Haydt (1989) contribui dizendo que: a avaliação pode ser útil para orientar tanto o aluno como o professor fornece informações ao aluno para melhorar sua atuação e dá elementos ao professor para aperfeiçoar seus procedimentos didáticos.

As coordenadoras entendem o processo avaliativo como parte integrante do processo de ensino aprendizagem, conforme afirma Luckesi (apud LIBÂNEO, 1991). Possuem uma visão tanto da avaliação no aspecto macro, a escola como um todo, quanto do micro, a sala de aula.

Também perguntei para as pesquisadas sobre: Como a avaliação da aprendizagem é realizada na escola? As orientadoras responderam:

A avaliação da aprendizagem é realizada pelos professores de forma contínua, visando seus avanços (Coordenadora A).

A escola avalia a aprendizagem dos educandos de forma contínua e por meio de provas avaliativas e trabalhos de classe e extraclasse, visando sempre o construtivismo, sócio-interacionismo (Coordenadora B).

De acordo com as respostas das entrevistadas pode-se afirmar que a escola trabalha a avaliação da aprendizagem, visando uma proposta por meio do construtivismo e interação, pois a mesma busca indicar um caminho alternativo para uma nova relação no ensino, levando a uma aprendizagem eficaz em que os conhecimentos já adquiridos pelos alunos são fundamentais para a aprendizagem.

Assim, a avaliação deve ser contínua para que se possa investigar todo o processo de construção do conhecimento, realizando investimentos para que o resultado seja satisfatório, portanto, a avaliação da aprendizagem é um "componente indissociável do processo constituído pelo ensino e pela aprendizagem" (FERNANDES, 2009, p. 21).

Acredito que o professor ao assumir o papel de avaliador passa a agir como um pesquisador da aprendizagem do aluno, necessitando ter compreensão de seu objeto de avaliação.

Prosegui com a pesquisa e questionei sobre: Como você analisa a avaliação da aprendizagem no primeiro ciclo do ensino fundamental?

A avaliação da aprendizagem dos alunos no primeiro ciclo do ensino fundamental é analisada de forma minuciosa, pois os educandos são avaliados pelos professores continuamente de acordo com as disciplinas ministradas por eles e seus avanços são registrados por meio de parecer (Coordenadora A).

Analisando a avaliação escolar da aprendizagem no primeiro ciclo do ensino fundamental, posso afirmar que é uma tarefa bem complexa, pois visto que o professor tem que usar estratégias metodológicas que favoreçam o avanço destas crianças no seu processo de ensino aprendizagem continuamente (Coordenadora B).

Analisando as respostas das orientadoras pedagógicas pode-se dizer que a avaliação da aprendizagem do educando no primeiro ciclo deve ocorrer de forma contínua.

Segundo o que dispõe a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a

avaliação deve ser feita no dia-a-dia da aprendizagem, utilizando-se das mais variadas formas: participação em aula, atitude do aluno frente a aprendizagem, freqüentes verificações e anotações da assimilação dos conteúdos.

Perguntei para as orientadoras pedagógicas sobre: Quais instrumentos de avaliação são utilizados pelos professores no primeiro ciclo do ensino fundamental?

Abaixo constam as respostas das entrevistadas.

A escola hoje oferece ao primeiro ciclo uma avaliação de forma contínua por meio de registros, diagnóstica e processual da aprendizagem que o aluno está percorrendo (Coordenadora A).

A avaliação é feita de forma contínua por meio de observação de seus avanços, modo que o educador analise e diagnostique o nível em que seus educandos estão para assim poder avançar no processo de ensino e aprendizagem (Coordenadora B).

Analisando as respostas pode-se afirmar que é preciso decidir sobre os tipos de instrumentos que será adotado para o registro dos dados da observação.

É importante lembrar que o registro através da observação visa ser prático e sem muitas dificuldades de usar, deve ser fácil de interpretar servindo para uma análise conjunta a qual favoreça todo o corpo docente e discente ou até mesmo a família dos alunos poderão consultar as aprendizagens e aproveitamentos adquiridos pelos mesmos. Isto é, o registro das observações e da análise da produção dos alunos é um instrumento de trabalho do professor.

Ainda indaguei sobre: Por que avaliar a aprendizagem é tão importante?

É importante, para saber se os avanços da aprendizagem esta realmente acontecendo e assim avaliam todos os envolvidos no processo escolar (Coordenadora A).

A avaliação da aprendizagem é importante para que se conheça o que o aluno aprendeu o que ele ainda não aprendeu para que se providenciem os meios para que ele aprenda, o necessário para a continuidade dos estudos (Coordenadora B).

Desta forma posso afirmar que a avaliação é vista, então, como uma grande aliada do aluno e do professor. Não se avalia para atribuir nota, conceito ou menção. Avalia-se para promover as aprendizagens do aluno, enquanto o trabalho se desenvolve, a avaliação também é feita.

De acordo com Hoffmann (2008, p. 17), a avaliação é [...] uma ação ampla que abrange o cotidiano do fazer pedagógico e cuja energia faz pulsar o planejamento, a proposta pedagógica e a relação entre todos os elementos da ação

educativa. Basta pensar que avaliar é agir com base na compreensão do outro, para se entender que ela nutre de forma vigorosa todo o trabalho educativo.

A aprendizagem e avaliação andam de mãos dadas, a avaliação sempre ajudando a aprendizagem. A escola avalia os alunos e se auto avalia para saber se está acontecendo a aprendizagem.

Perguntei aos pesquisados sobre: Como a avaliação da aprendizagem é concebida no currículo escolar?

A avaliação da aprendizagem no currículo escolar está inserida o contexto cultural do educando (Coordenadora B).

A avaliação da aprendizagem é concebida de acordo com os conteúdos a serem ensinados e aprendidos; as experiências de aprendizagem a serem vividas pelos estudantes; os planos pedagógicos elaborados por professores (Coordenadora B).

Observando as respostas, percebi que o currículo como importante parte integrante do dia-a-dia da escola que exercerá influência direta nos sujeitos que fazem parte do processo escolar e da sociedade em geral, determinando a visão de mundo não só dessa sociedade, mas também de nossas atitudes e decisões neste meio.

Para contribuir com essa análise, Hoffmann (2008, p. 17) apresenta a avaliação como princípio norteador da ação que promove sua melhoria. Esse primeiro princípio é o mais importante de todos para se compreender as novas tendências, porque altera, radicalmente, a finalidade da avaliação em relação às práticas classificatórias, seja da aprendizagem do aluno, seja de um currículo ou programa. É fundamental frisar esse ponto: mudanças essenciais em avaliação dizem respeito à finalidade dos procedimentos avaliativos e não, em primeiro plano, à mudança de tais procedimentos.

As propostas curriculares atuais, bem como a legislação vigente, primam por conceder uma grande importância à avaliação, reiterando que ela deva ser contínua, formativa e diagnóstica, concebendo-a como mais um elemento do processo ensino e aprendizagem, o qual nos permite conhecer o resultado de nossas ações didáticas e, por conseguinte, melhorá-la.

A avaliação também é currículo e que ambos estão marcados por determinadas concepções de mundo, homem, educação e ensino, nos é possível entender, então, como sublinha Lima (2001), que a avaliação pode se assumir como

instrumento orientado para a inovação curricular ou para a sua manutenção e controle, seja ainda afetando os processos de gestão curricular, os modelos didáticos e, em geral, a prática pedagógica de professor e de alunos.

Questionei aos entrevistados sobre: Existe parceria professor/coordenação pedagógica na elaboração da avaliação da aprendizagem?

Sim. Na escola esta parceria acontece de forma harmoniosa (Coordenadora A).

Sim. Sempre há esta parceria (Coordenadora B).

De acordo com as respostas, existe uma parceria entre professor e coordenação pedagogia na elaboração da avaliação da aprendizagem.

Como tal, esta função deve ser, antes de mais, a de ajudar o professor a fazer a observação do seu próprio ensino, a analisar, interpretar e refletir sobre os dados recolhidos e a procurar melhores soluções para as dificuldades e problemas que vão ocorrendo. O orientador pedagógico deve orientar e ajudar, num processo formativo e contínuo, os professores principiantes a aperfeiçoar as suas práticas, analisando as situações que vão surgindo e que, por fim, irão levar cada vez mais à sua autonomia.

Para que isso aconteça é fundamental a relação que se estabelece entre supervisor e professor principiante no início da carreira docente, o orientador tem de ser um bom comunicador, observador e ouvinte. Só assim será possível estabelecer uma relação de confiança propícia a um bom processo de ensino aprendizagem.

Vale ressaltar que é ele quem tem a possibilidade estratégica de mobilizar os docentes, organizar a avaliação e rotina de observação de aulas e encontro com professores, agendar reuniões com o grupo para contribuição coletiva e pesquisar os referenciais e estratégias que podem ajudar todos a avançarem na maneira como ensinam.

3.4 Avaliação da aprendizagem, análise e reflexão na perspectiva dos professores sujeitos da pesquisa

Nesta seção foram entrevistados 06 professores com a faixa etária de 33 a 42 anos, sendo 05 do gênero feminino e 01 do gênero masculino e todos possuem o nível superior. Os participantes receberam números para identifica-los e manter a sua preservação do anonimato.

Nesta pesquisa busquei elucidar sobre a formação docente dos sujeitos que participam deste estudo.

Dos professores entrevistados 06 possuem formação de magistério no ensino médio e licenciatura em pedagogia, sendo que apenas 01 docente tem formação em Educação física.

A formação dos professores está de acordo com o que preconiza o Título VI da LDB n. 9.394/1996 que versa sobre os profissionais da Educação.

Segundo o artigo 62 da LDB:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Assim, de acordo com as novas exigências para a formação de professores, pela LDB, a partir de 2007, só serão admitidos professores habilitados em nível superior.

A graduação e a formação continuada é um processo complexo para estes professores que ganha materialidade em múltiplos espaços e atividades e não se resume apenas a cursos e treinamentos e sim na motivação do docente a buscar novos saberes, ultrapassando a fronteira da decodificação dos conteúdos.

Para tal, busquei traçar o tempo de atuação dos professores investigados nesta pesquisa.

Perguntei as professoras: Quanto tempo de experiência você tem no magistério?

As respostas foram: (P1) 16 anos de atuação no magistério, (P2) 18 anos, (P3) 16 anos de atuação, (P4) 16 anos de atuação na educação, (P5) 16 anos de atuação, (P6) 18 anos de atuação no magistério.

Quatro (04) professores possuem 16 anos de experiência na educação e 02 possuem 18 anos de experiência docente.

A profissão de professor exige de seus profissionais alteração, flexibilidade, imprevisibilidade. Assim, o processo de reflexão, tanto individual como coletivo, é a base para a sistematização de princípios norteadores de possíveis ações, e nunca de modelos.

A prática pedagógica do professor não deve se limitar somente à implantação momentânea, mas sim, devem ser incorporadas efetivamente no seu trabalho cotidiano e na sua formação continuada com dinamismo e com apoio governamental para dar norte a sua vida (PIMENTA, 2005, p. 199).

Continuei com a pesquisa e questionei aos docentes sobre: Para você o que é avaliação da aprendizagem?

A avaliação da aprendizagem na minha concepção é um processo contínuo, onde se observa, registra os avanços do educando (P1).

A avaliação da aprendizagem é o progresso ou retrocesso do aluno de acordo com o que se ensina no contexto escola (P2).

A avaliação da aprendizagem é uma reflexão acerca de tudo quanto o educador está trabalhando para os avanços da aprendizagem da sua turma (P3).

A avaliação da aprendizagem é o método usado pelo professor para obter dados sobre o processo de ensino-aprendizagem, e o mesmo usa este medir se está ou não acontecendo a aprendizagem de seus alunos no contexto escola (P4).

A avaliação da aprendizagem são os métodos que o professor usa para testar se está havendo aprendizagem da sua turma em sala de aula (P5).

A avaliação da aprendizagem é tudo aquilo que se avalia dentro de sala de aula, os avanços dos alunos (P6).

Percebe-se nas respostas dos professores que a maioria respondeu que a avaliação da aprendizagem é processo, progresso, método que acompanha os avanços dos alunos em sala de aula. Ou seja, a avaliação auxilia o professor no acompanhamento das aprendizagens dos alunos.

A ação avaliativa da aprendizagem abrange justamente a compreensão do processo de cognição.

De acordo com Hoffmann (2010, p. 23) o que interessa fundamentalmente ao educador é dinamizar oportunidades de o aluno refletir sobre o mundo e de conduzi-lo à construção de um maior número de verdades, numa espiral necessária de formulação e reformulação de hipóteses (abstração reflexiva).

Implica dizer que a avaliação, nessa perspectiva, pode, inclusive, ser considerada como instrumento de desenvolvimento profissional docente, em razão de sua ação apontar desafios peculiares, ao ensino, ao aluno e ao seu próprio mundo de vida.

Acredito que avaliação da aprendizagem deve ser vista como um instrumento que pode reorientar a prática educacional permitindo que os alunos avancem na construção do conhecimento.

Como você realiza a avaliação da aprendizagem na sala de aula?

A avaliação da aprendizagem em sala de aula é desenvolvida de forma contínua levando em conta a interação, participação nas atividades em grupo, ou individual (P1).

Em sala de aula realizo a avaliação da aprendizagem dos meus alunos por meio das observações dos avanços da turma de forma contínua, por meio da participação e interação dos alunos, e no decorrer das aulas vou avaliando o desempenho motor, respeitando e observando o seu tempo de aprendizagem, não uso muito teoria, apenas passo aos meus alunos os benefícios da atividade executada para seu desempenho motor e cognitivo (P2).

A avaliação da aprendizagem da minha turma é realizada através da observação e desenvolvimento dos meios por meio da interação, participação, frequência em trabalhos desenvolvidos em sala de aula (P3).

A avaliação da aprendizagem em sala de aula acontece por meio de trabalhos em grupo, individual, e observação contínua dos avanços em sua aprendizagem (P4).

A avaliação da aprendizagem efetivada por meio das observações e registradas levando em conta a participação, interesse em atividades desenvolvidas dentro e fora de sala de aula (P5).

É de suma importância realizar a avaliação da aprendizagem em sala de aula, e isso faço de forma contínua por meio da participação e interação de todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem (P6).

Observamos nas falas da maioria dos docentes que a avaliação da aprendizagem em sala de aula acontece de forma contínua com a participação e interesse dos alunos.

No entender de Perrenoud (1999), a função nuclear da avaliação é ajudar o aluno a aprender e ao professor, ensinar. O professor deve estabelecer objetivos e metas que possam ser alcançados por todos os alunos e que contribuam efetivamente para a melhoria da qualidade de vida dos alunos dentro e fora do ambiente escolar.

Portanto, a avaliação da aprendizagem deve ter como parâmetros e critérios, expectativas de aprendizagem, visto que avaliar deve ser concebido como um processo no qual professor e alunos reflitam sobre seus avanços e dificuldades na construção do conhecimento. Dessa forma, o professor pode acompanhar a construção das competências dos alunos, levando em consideração o fato de que as manifestações desses avanços não são idênticas nem lineares.

Quando perguntamos: Como você vê a avaliação da aprendizagem no primeiro ciclo?

A avaliação da aprendizagem no primeiro ciclo é um pouco complexa, pois se deve levar em consideração vários aspectos no momento de avaliar, e com isso devemos registrar em forma de parecer todos os avanços da

turma de forma individual (P1).

Na minha visão a avaliação da aprendizagem no primeiro ciclo deve acontecer de forma contínua, pois haja vista que tanto no primeiro ciclo quanto no segundo ciclo o sistema nos cobra um resultado, ou seja, a progressão por meio de conceitos (P2).

Acredito que avaliação da aprendizagem no primeiro ciclo deve continuar da mesma forma que vem acontecendo através de observação, onde são avaliados a dimensão conceitual o conhecimento sobre o assunto que o aluno tem (P3).

No primeiro ciclo, a avaliação da aprendizagem deve haver coerência e clareza no momento de se avaliar, pois são subjugados o contexto cultural e o meio na qual o aluno está inserido, e isso é visível em algumas práticas de colegas que trabalham no primeiro ciclo (P4).

Na minha visão a avaliação da aprendizagem no primeiro ciclo é bem complexa, pois o professor tem que usar varias ferramentas pedagógicas como jogos, trabalhos em grupo, atividade de classe e extraclasse, pesquisa e outros para então avaliar o aluno em sua aprendizagem principalmente na leitura e escrita (P5).

A avaliação no primeiro ciclo é uma ferramenta de essencial importância, e o professor deve buscar ferramentas que venham lhe dá suporte em sua prática e assim fazer uso da mesma para efetivar a avaliação de sua turma (P6).

Analisando as respostas dos professores, observamos que cada docente tem sua concepção de avaliação no primeiro ciclo. O docente P1 e P5 consideram que a avaliação da aprendizagem no primeiro ciclo é um pouco complexa, e que se deve registrar seus avanços, já P2 e P3 relatam que deve ser de forma contínua, por meio da observação, para P4 e P6 a avaliação deve ser de forma coerente, o professor deve buscar ferramentas para efetivar a avaliação.

Podemos entender a avaliação da aprendizagem escolar como um ato amoroso, na medida em que a avaliação tem por objetivo diagnosticar e incluir o educando pelos mais variados meios, no curso da aprendizagem satisfatória, que integre todas as suas experiências de vida (LUCKESI, 1999, p. 173).

Utilizando-se de metodologias adequadas, diagnosticando os seus alunos e revendo o que for necessário, o professor transformara a avaliação em um ato amoroso, acolhedor e com qualidade, incentivando assim, o aluno a aprender cada vez mais.

Quando perguntamos: Quais instrumentos de avaliação são utilizados no primeiro ciclo?

No primeiro ciclo faço uso dos instrumentos de avaliação o registro por meio das observações, exercício no caderno e prova oral e escrita. Também faço usos avaliação formativa, pois a avaliação se dá de forma contínua através da observação de trabalhos, avaliações práticas e provas (P1).

Os instrumentos avaliativos usados por mim no primeiro ciclo são observação, avaliação contínua e relatórios de acordo com os avanços dos alunos em determinadas disciplinas, também uso a prova escrita e oral, avalio os trabalhos de classe e extraclasse (P2).

Eu utilizo no primeiro ciclo avaliação por meio de observação do aluno nas aulas, avalio a dimensão conceitual o conhecimento sobre o assunto que o aluno tem, procedimentais através da habilidade motora que ele apresentar na realização das atividades propostas na aula e atitudinais através dos valores e atitudes que ele tem na aula com os amigos faço essa avaliação de forma individual (P3).

Os instrumentos que eu uso para avaliar meus alunos do primeiro ciclo são a observação de seus avanços nas tarefas diárias como: atividades na sala de aula, trabalhos exemplo, trabalhar frutas hoje: desenhamos as frutas, pintamos, trabalhamos a pronúncia delas, tá fizemos a atividade, no final da atividade eu dou o visto e lanço quatro possíveis conceitos: Insuficiente quando o aluno ou não fez ou ficou muito ruim mesmo, Bom, Ótimo, Excelente, são esses quatro reco e assim passo os vistos de períodos em períodos e vou somando (P4).

Um dos instrumentos que faço uso no primeiro ciclo é a avaliação é contínua, pois esta serve para a reorientação do processo. Este instrumento tem sua importância justificada na possibilidade de se acompanhar o processo de maturação espontâneo do aluno, ou seja, sua evolução é evidenciada no decorrer do processo ensino e aprendizagem (P5).

Faço avaliação oral e individual, quando é período de avaliação eu chamo de um por um e a gente vai vendo o conteúdo, e a partir daí eu consigo ver mais ou menos o grau que eles já estão de desenvolvimento (P6).

Percebemos nas respostas que os instrumentos avaliativos utilizados pelos professores são as técnicas de observações, as provas orais e escritas e a elaboração de relatório. Vimos a necessidade de utilização de outros instrumentos como por exemplo, os trabalhos em grupos, exercícios no caderno e a própria auto avaliação.

Os instrumentos de avaliação, seja para coletar dados pela observação, para ajudar no trabalho do aprendente ou para comunicar os resultados, necessitam ser planejados e elaborados com antecedência, de modo a terem qualidades que asseguram sua pertinência.

Todas as atividades avaliativas deveriam almejar o desenvolvimento intelectual, social e moral dos alunos e diagnosticar como a escola e os docentes estão contribuindo para que este processo satisfatório de aquisição de conhecimento aconteça. Neste sentido, os instrumentos de avaliação são fundamentais para a educação por permitir acompanhar a evolução da aprendizagem do educando e fornecer pista para repensar a prática docente.

Portanto, compreendo que é o conjunto de métodos avaliativos que

contribuem com o processo de avaliação, pois são meios que ajudam o professor a tomar decisões. Dessa forma, acredito que a avaliação deve ser composta por instrumentos avaliativos coerentes, que possibilitem avaliar o crescimento do aluno.

[...] o ato de avaliar está centrado no presente e voltado para o futuro. Ao educador que avalia interessa investigar desempenho presente do educando, tendo em vista o seu futuro que se expressa como a busca do seu melhor aprendizado e consequente desempenho. (LUCKESI, 2011, p. 182)

Perguntamos também: por que e para que avaliamos os alunos na escola?

A avaliação na escola é necessária em todos os momentos, pois tem que avaliar para saber se o aluno está aprendendo, se o aluno está assimilando aquilo que foi ensinado (P1).

É importante avaliarmos, porque por meio da avaliação podemos descobrir se o aluno está evoluindo em sua aprendizagem, quando avaliamos podemos diagnosticar alguns problemas envolvendo a sua aprendizagem, quando o aluno não consegue entender (P2).

Avaliamos para medir se houve ou não aprendizagem (P3).

Avaliamos porque necessitamos de uma nota ou conceitos para explicar o rendimento do aluno e assim justificar uma decisão de aprovação ou retenção (P4).

No contexto escolar é de suma importância avaliarmos para saber se o aluno está ou não aprendendo (P5).

Necessitamos avaliar o todo, pois desta forma saberemos como anda o processo ensino e aprendizagem dos nossos alunos (P6).

Observamos na fala dos professores que a maioria acredita que por meio da avaliação saberão se os alunos estão ou não aprendendo o que lhe fora ensinado em sala de aula. E que por meio da avaliação escolar saberão como anda o processo de ensino aprendizagem dos alunos.

De acordo com o dicionário Interativo da Educação Brasileira: avaliar, é o processo que visa verificar a aquisição de competências e também de habilidades em uma determinada área do conhecimento. A avaliação escolar, por exemplo, tem o objetivo de diagnosticar a situação de aprendizagem de cada aluno; ou seja, ela serve para verificar se o educando está conseguindo acompanhar e entender a programação curricular.

Luckesi (1999) define avaliação da aprendizagem como um ato amoroso no sentido de que a avaliação por si só deve ser um ato acolhedor e inclusivo, que integra, diferentemente do julgamento puro e simples, que não dá oportunidades,

distingue apenas o certo do errado partindo de padrões predeterminados. Assim, o verdadeiro papel da avaliação visa à inclusão, não à exclusão.

Quando perguntamos: Por que avaliar a aprendizagem é tão importante? Os professores responderam.

A avaliação para mim é um instrumento para saber se os alunos aprenderam o que foi ensinado na aula, e ainda para cumprir uma exigência da escola para dar uma nota (P1).

É importante avaliar a aprendizagem para ensinar melhor meus alunos (P2). Avaliar é necessário dentro do contexto escolar, pois quando avaliamos a aprendizagem encontramos respostas se o ensino está ou não surtindo efeito na aprendizagem dos alunos (P3).

É importante para diagnosticar a situação de aprendizagem de cada aluno, ou seja, é importante para verificar se o educando está conseguindo acompanhar e entender o que lhe está sendo ensinado (P4).

É de suma importância usar a avaliação, pois é por meio dela que podemos verificar se o aluno está ou não avançando e aprendendo no contexto de sala de aula (P5).

Para mim é muito importante avaliar a aprendizagem dos meus alunos, pois desta forma saberei se os mesmos estão ou não aprendendo (P6).

Percebemos que os educadores foram enfáticos ao destacarem a importância da avaliação em suas respostas. P1 respondeu: a avaliação é de suma importância para saber se os alunos aprenderam o que lhes fora ensinado. Para P2 diz que a avaliação serve para ensinar melhor, já P3 ressalta que a avaliação é necessária para encontrar resposta se o ensino está surtindo efeito na aprendizagem. P4 e P5 possuem o mesmo entendimento afirmando que a avaliação é importante para saber se os alunos estão ou não avançando na aprendizagem.

Portanto, a avaliação da aprendizagem de forma contínua permite acompanhar todo o processo de aprendizagem, não apenas o momento final, pois se trata de um instrumento de feedback para todos os participantes envolvidos, educando e educador e a escola de modo geral.

Avaliar é construir e reconstruir o conhecimento. É buscar estratégias que permitem a formação do aluno para sua inserção na sociedade com conhecimento prévios, ou seja, que o aluno tenha a condição de prosseguir sua caminhada com a base alicerçada.

De acordo com Sant'Ana (2005, p. 27): avaliação só será eficiente e eficaz se ocorrer de forma interativa entre professor e aluno, ambos caminhando na

mesma direção, em busca dos mesmos objetivos. O aluno não será um indivíduo passivo e o professor a autoridade que decide o que o aluno precisa e deve saber.

Perante esta discussão não se pode pensar mais sobre avaliação da aprendizagem como algo isolado que depende somente do professor ou somente do aluno, o docente deve perceber e dominar a sua prática avaliativa sempre observando e controlando a aprendizagem do educando, pois o aluno também tem que está informado do que está sendo avaliado garantindo assim, uma relação interativa.

4 CONCLUSÃO

Este estudo teve como finalidade analisar a prática dos professores enquanto avaliadores no processo de ensino e aprendizagem dos educandos no 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental da escola Lindalva Pinho. Com a pesquisa foi possível investigar a avaliação da aprendizagem, a partir da compreensão, análise e reflexão crítica da prática docente.

Através da pesquisa verificamos que a avaliação da aprendizagem tem vários conceitos que tornam processo de avaliar do professor um viés de complexidade. Haja vista que os docentes estão comprometidos com suas práticas avaliativas.

Por meio da pesquisa identificamos que as análises reflexivas dos docentes são feitas de maneira espontânea através de observações visando à aprendizagem dos alunos, com foco na realização de diagnóstico dos conhecimentos prévios dos discentes. A avaliação é concebida como um processo contínuo que visa a aprendizagem.

O processo de avaliação da aprendizagem sempre esteve entranhado na prática do professor, o que resta agora aos educadores é se adaptar com os novos modelos de avaliação através do diagnóstico do dia a dia dos alunos, a interpretação e as análises e as reflexões é que rompe as barreiras do aprender e cabe ao professor orientar este aluno a se perceber como ser crítico capaz de transformar seus conhecimentos para tornar-se um sujeito autônomo.

A avaliação possui um significado amplo no contexto escolar, o qual não se resume apenas em efetivação de provas e memorização, buscando classificar os alunos, mas um recurso que contribui para a formação precisa dos mesmos, possibilitando a assimilação dos conhecimentos.

Dessa forma, por entender a importância da avaliação e sua grande influência no processo de ensino e aprendizagem que devemos refletir criticamente sobre a prática da mesma, devemos ter em mente objetivos claros, que oportunizem o desenvolvimento dos alunos.

Diante disto, é relevante a contribuição desta pesquisa, enquanto ponto inicial para novos trabalhos envolvendo avaliação no 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental como instrumento de aprendizagem.

Assim, é importante analisar as reflexões que o estudo aqui apresentado pode oferecer a novas pesquisas voltadas à avaliação da aprendizagem e à

organização escolar em ciclos. Considera-se que ele pode constituir-se como ponto de partida para professores, gestores e estudiosos em avaliação educacional perante estes seguimentos compreendo como necessário que o professor saiba realizar de forma qualificada seu papel de mediador da aquisição e construção de conhecimento realizada pelos alunos. E o educador tem como função também garantir uma aprendizagem significativa, podendo utilizar como aparato os instrumentos avaliativos da aprendizagem escolar.

REFERÊNCIAS

- BLOOM, B.; HASTINGS, J. T.; MADAUS, G. F. **Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar**. São Paulo: Pioneira, 1983.
- BRAMOWICZ, Mere. **Avaliando: A avaliação da aprendizagem - Um novo olhar**. São Paulo: Lúmen, 1996.
- BRASIL, LDB. Lei 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em <w.mec.gov.br>. Acesso em: 17 Set 2010.
- DIAS SOBRINHO, José. **Universidade e Avaliação: entre a ética e o mercado**. Florianópolis: Insular, 2002.
- FERNANDES, Domingues. **Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas**. São Paulo: UNESP, 2009.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre a iniciação à pesquisa científica**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2007.
- GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2007.
- HAYDT, Regina Célia C. **Curso de didática geral**. São Paulo: Ática, 1989.
- HAYDT, R. C. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2000.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch, **Avaliação. Mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre; 35ª ed. Mediação 2005.
- _____. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 7. Ed. Porto Alegre: Mediação, 1995.
- _____. **Avaliação: mito e desafio; uma perspectiva construtivista**. 6ª ed. Porto Alegre: Educação e Realidade, 2002.
- _____. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola a universidade**. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- LIMA, L.O. **A escola secundária moderna**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- LUCKESI, C. C. **Prática decente e avaliação**. Rio de Janeiro: ABT, 2000.
- _____. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. São Paulo: Cortêz, 2006.
- MARCONI, Maria de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 6 ed. São Paulo: Atlas 2006.
- PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Trad.Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SANDER, B. **Administração da Educação no Brasil: genealogia do conhecimento**. Brasília: Liber Livro, 2007.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? como avaliar?: critérios e instrumentos**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTOS, C. M. dos. **A avaliação e a cola na perspectiva do aluno**. Pátio, Rio Grande do Sul, n.12, p. 62-65, fev/mar. 2005.

SOUZA, C. P. de. (org.) **Avaliação do rendimento escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

SOEIRO, Leda & AVELINE, Suelly. **Avaliação Educacional**. Porto Alegre: Sulina, 1982.

VASCONCELLOS, C. S. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança – por uma práxis transformadora**. São Paulo: Libertad, 1998.

_____. **Avaliação da aprendizagem - Práticas de Mudança**. São Paulo: Libertad, 1998.